

COMO SÃO E O QUE PENSAM JOVENS, ESTUDANTES DA UFS, EGRESSOS DO ENSINO MÉDIO PÚBLICO: UMA ANÁLISE DO CCET

Laís Santana Santosⁱ

RESUMO:

Este artigo pretende apresentar os resultados finais do trabalho desenvolvido como bolsista de iniciação científica, vinculada ao projeto de pesquisa intitulado “Como se ‘fabrica’ um Jovem Estudante Universitário” (PIBIC/CNPq/UFS). Procuramos identificar e analisar aspectos que constituem, ou não, os jovens estudantes da Universidade Federal de Sergipe, provenientes do ensino médio público e que são vinculados aos cursos de Ciências Exatas e Tecnologia; buscamos investigar também se a entrada em uma área específica contribui com elementos particulares para a constituição do ser universitário. Cabe ponderar que os estudos da literatura nacional e internacional no que tange a esta temática bem como os trabalhos empíricos que realizamos contribuíram para que entendêssemos algumas das lógicas que estão presentes nos percursos desses jovens do Centro em análise.

Palavras-Chaves: Ensino Superior, Jovens, Inclusão Universitária.

RÉSUMÉ:

Cet article a pour but de présenter les résultats définitifs des travaux de recherche prédoctorale fellowship, lié au projet de recherche intitulé 'Comme si' fabrique un collègue de jeune étudiants "(PIBIC/CNPq/UFS). Efforcions identifier et analysent les aspects qui sont, ou pas, le da Universidade Federal de Sergipe, de salles de classe de haute école publique et qui sont liés aux cours de sciences exactes et de la technologie ; nous cherchons à examiner si l'entrée dans une zone spécifique contribue avec les éléments particuliers pour la Constitution de l'Université. Il est considéré que les études de littérature nationale et internationale sur ce sujet ainsi qu'empirique travaux que nous avons contribué à cette logique entendêssemos dont certains sont présents dans ces voies dans la jeunesse du Centre d'analyse.

Mots-Clés: Enseignement Supérieur, Jeunes, y compris l'Université.

Introdução

Neste artigo, pretendemos apresentar tanto os resultados obtidos mediante a investigação de uma amostra de jovens, egressa do ensino médio público, que ingressa na Universidade Federal de Sergipe em cursos do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia, buscando perceber quais as marcas de sua constituição como estudantes universitários quanto alguns dos debates que se configuram em torno de tal problemática.

Seria a área de Ciências Exatas e Tecnológicas uma fonte de regras institucionais que contribuiria para o delineamento particular de estudantes egressos do ensino médio público? A Universidade acolhe esse grupo, de maneira a possibilitar um processo de afiliação mais efetivo? E as desigualdades, quer sejam sociais ou educacionais, causam impactos na vida desses jovens? Neste sentido, como têm sido alinhavados os percursos dos jovens que vieram do ensino médio público e hoje são graduandos da Universidade Federal de Sergipe? Qual o significado da Universidade para esses jovens?

É bom destacar que há um elevado quantitativo de pessoas em busca das universidades públicas, pois além de serem instituições gratuitas, são consideradas referências de qualidade dentre as demais. Segundo pesquisa recente sobre os jovens de Sergipe, observa-se que em 2006 no vestibular da UFS o número de inscritos provenientes de escolas públicas foi superior ao dos egressos de escolas particulares, entretanto os dados apontam que 58% dos aprovados são originários do setor privado (CHARLOT, 2008).

Essa relação não seria produto das desigualdades enfrentadas no sistema de ensino brasileiro? Cabe-nos uma reflexão que procure desvelar sobre aqueles que superam o afunilamento da escolaridade básica e chegam, finalmente, ao ensino superior ofertado pela Universidade Federal de Sergipe, especificamente, os que ingressam em cursos da área de Ciências Exatas e Tecnológicas.

Ingressar na Universidade ou tornar-se um estudante universitário: uma relação de saberes, integração e interesse

As discussões teóricas no tocante ao estudante e sua condição universitária têm repercutido também no cenário internacional, prova disso é o estudo elaborado por Alain Coulon (Universidade de Paris 8) sobre “A Condição de Estudante, a entrada na vida universitária” (2008) onde aborda sobre as relações que os estudantes estabelecem com o saber, a instituição, o outro e consigo, apontando a necessidade de aprenderem o ofício de

estudante universitário para sentir-se verdadeiramente um universitário. O autor compreende a “entrada na vida universitária” em três principais momentos: o Tempo do estranhamento onde são confrontados com certa desordem, principalmente, institucional com a qual terão que lidar; o Tempo da aprendizagem, período em que os aprendizes criam estratégias de permanência e outros, em conflito com as dificuldades, abandonam a universidade e por fim, o Tempo da Afiliação onde aqueles que persistiram, demonstram ser capazes de interpretar as regras, quer explícitas ou não, o currículo e a dominar as exigências intelectuais necessárias para constituírem-se como estudantes competentes.

Precisamos também refletir sobre as formas como tem se dado a democratização do ensino superior no Brasil, em especial a do nosso Estado, pois não nos basta que a juventude popular conquiste o ensino superior. Acreditamos ser extremamente necessário o acompanhamento dos estudantes com programas institucionais que visem a permanência deles na universidade, principalmente, os de origem popular, visto que a democratização não se limita ao acesso.

Em se tratando de ações desenvolvidas no interior da própria Universidade pública de nosso estado, temos o Projeto Conexões dos Saberes, programa que foi implantado a partir de 2006 em 32 universidades públicas de nosso país inclusive a UFS, tendo como objetivo central o que se segue:

Criar condições concretas para que estudantes universitários egressos de escolas públicas e oriundos de espaços populares possam desenvolver ações para o fortalecimento dessas comunidades. Tais ações podem se materializar mediante alguns eixos básicos, quais sejam: geração de trabalho e renda, inclusão digital, pré-vestibular popular, apoio ao ensino básico, etc.(...) pode ser considerado um programa de ação afirmativa, uma vez que visa a permanência e ao sucesso de estudantes universitários de origem popular (SILVA, 2007, p.01)

Para além do Conexões dos Saberes, observa-se que ao não encontrar na família recursos suficientes para manterem-se na universidade, os jovens recorrem ao desenvolvimento de algum trabalho: é neste íterim que os Programas Institucionais desenvolvidos nesta instituição de ensino superior, como as Bolsas de Trabalho, de Iniciação Científica e de Monitoria, devem ser apontados neste estudo, pois possibilitam a um considerável número de universitários tanto uma atividade de trabalho como o acesso a um recurso que os auxiliam nas despesas de manutenção no ensino superior.

Sampaio e Cardoso (2003), ao discutirem sobre as relações entre trabalho, carreiras e instituições em um estudo sobre os Estudantes Universitários e o Trabalho, referem-se à universidade como um espaço diverso seja por seu público, localização ou mesmo pela

dinâmica dos diferentes cursos que nela existem, traçando, também, um paralelo com a questão do trabalho que se apresenta com maior ou menor dificuldade para os estudantes, a depender da organização pedagógica e institucional do curso ao qual estejam vinculados.

Almeida (2007), ao investigar como estudantes com desvantagens econômicas e educacionais aprendem a utilizar os recursos e espaços da Universidade de São Paulo, convida-nos tal como Coulon (2008) a refletirmos em torno dos mecanismos e estratégias que os sujeitos, por nós investigados, adotam para melhor constituir-se enquanto estudantes universitários. Neste sentido, Almeida (2007) alerta-nos a “considerar o processo de chegada ao ensino superior como um todo, ou seja, acesso e permanência como momentos articulados e necessariamente interdependentes” (p.187).

Neste campo de estudo, defrontamo-nos também com algumas teses de mestrado, produzidas aqui no Brasil nos últimos anos, estas discutem alguns aspectos sobre os quais também nos reportamos em nossa pesquisa, pois para que entendamos o cerne da questão em análise, torna-se imprescindível visualizar a juventude como produto de diversas relações que são estabelecidas quer no seio familiar, na própria Universidade ou em outros espaços sociais que também contribuem para as suas trajetórias escolares em níveis mais elevados.

Adriana Pereira (2005), em seu trabalho intitulado ‘Sucesso Escolar nos Meios populares: mobilização pessoal e estratégias familiares’, trata sobre a importância tanto do aluno – estudante de escola pública – quanto da família de origem popular na busca desse sucesso; neste caso, o ingresso ao COLTEC (Colégio Técnico da Universidade Federal de Minas Gerais).

Em ‘Cursinho popular de Jandira visando ao acesso à educação superior’ pesquisa realizada por Silvia Ruedas (2005), a autora aponta que este cursinho está inserido no projeto de política pública, pensado para a juventude de baixa renda, cuja finalidade é facilitar o acesso à universidade, embora os resultados alcançados em sua pesquisa demonstrem que apenas 6% conseguem alcançar esse objetivo e destes apenas 0.6% ingressam em universidades públicas. Vale lembrara que o Cursinho tem também o propósito de impulsionar os jovens à concretização de seus projetos de vida, quer seja em termos de inserção no mercado de trabalho ou na realização de novos cursos.

Por sua vez, Azevedo (2007) no estudo sobre os ‘Jovens, ensino superior e vestibular: egressos do curso técnico em Química do CEFETMT no curso Química da UFMT’, investiga os jovens vinculados ao CEFETMT que são aprovados no vestibular da Universidade Federal de Mato Grosso, exclusivamente no curso de Licenciatura Plena em Química ou Bacharelado. A análise indica que as disparidades econômicas, sociais e culturais

que haviam contribuído para o não sucesso no vestibular anteriormente, foram superadas pelas aprendizagens e vivências sedimentadas no Curso Técnico em Química.

Buscando uma outra perspectiva, Vargas (2008), em sua tese intitulada ‘Ensino Superior, Assistência Estudantil e Mercado de Trabalho: um estudo com egressos da UFMG’, investiga sobre a inserção profissional dos estudantes, pertencentes às camadas populares, que obtiveram sucesso no ingresso, permanência e conclusão do curso superior na Universidade Federal de Minas Gerais. Além de socializar um riquíssimo estudo da literatura que trata sobre este tema, atrai o interesse de pesquisadores em mergulhar neste campo de investigação, que além de ser repleto de inquietações, também é fonte de prazer.

Não podemos negar as características desse novo público que ingressa nas universidades públicas, precisamos antes reconhecer esses estudantes como sujeitos para os quais políticas públicas devem ser pensadas e aprimoradas, de modo que haja uma melhor viabilidade de permanência na academia, vivenciando efetivamente esta fase de sua formação.

A Universidade e os Saberes: uma relação diversa e presente na trajetória de jovens estudantes universitários

O estudo com estudantes universitários, egressos do ensino médio público, elaborado por Zago (2006) sobre jovens de origem popular que rompem barreiras de ingresso na universidade pública, possibilita-nos “conhecer, entre outras questões, a dinâmica que permeia a vida cotidiana e a formação universitária, como também as estratégias e o custo pessoal daqueles que procuram permanecer no sistema de ensino apesar das condições adversas de escolarização” (p.230). É preciso atentarmo-nos que a própria classificação desse universo de jovens como “estudantes” carrega em si uma diversidade muito grande, pois cada um apreende a vida universitária de modo peculiar. Partindo da idéia que aprender é um traço relevante da condição humana e que precisamos compreender os diferentes tipos de saberes, seu funcionamento e como são apropriados, Charlot (2007) nos lembra:

Aprende-se o que pode ser aprendido no lugar e no tempo em que se nasce, portanto, também na sociedade, na classe social, na etnia, no sexo e etc, em que se ingressa. Portanto, o chamado “Saber popular” é o conjunto do que os seres humanos que nascem das camadas sociais consideradas populares tem de se apropriar para sobreviverem e, se for possível, terem uma vida agradável. Essa apropriação faz-se pela educação, mas não apenas pela educação formal (p.44)

Que saberes seriam esses que nos apropriamos ao ingressar quer seja na escola ou na universidade pública? Estudos realizados na França e no Brasil revelam que os jovens, ao

tratarem sobre o que aprenderam em suas trajetórias, destacam as aprendizagens relacionais, afetivas ou referentes ao desenvolvimento pessoal. Isto significa que para a juventude o mais importante é aprender a se relacionar com o próximo e consigo, pois dessas depreendem outras conexões de saberes. Pensemos nós como esses estudantes provenientes de escolas públicas – espaços nos quais a maior parte da população tem acesso por ser o sistema de ensino gratuito e cobertura nacional – constroem suas práticas que indicam uma maior ou menor afiliação na academia, como afirma Coulon (2008). Ao trazermos essas contribuições para este estudo, estamos ressaltando uma única questão: quer se trate da França ou do Brasil, o processo de afiliação do estudante que ingressa na Universidade ocorre de maneira similar a partir do entrelaçamento do estudante à cultura universitária, pois além de aprender as regras institucionais, adquire saberes no plano intelectual, tornando-se capaz de transformar em rotina o exercício de suas competências.

Algo interessante colocado por Coulon (2008) é que “Seja qual for seu país, a primeira tarefa a ser cumprida por quem ingressa na universidade será aprender seu ofício de estudante universitário”. Para além do ingresso no espaço universitário, há uma clara necessidade de o indivíduo constituir-se como um estudante de responsabilidades. A grande questão é: há um processo de inclusão dos estudantes provenientes do sistema público de ensino à cultura universitária, formas de socialização e relações com os saberes em seu novo mundo? Para estudantes, investigados por Coulon (2008) em sua pesquisa etnográfica¹, a Universidade, em um primeiro momento, representa um mundo desconhecido que provoca mudanças em sua existência “a entrada na universidade se constitui, ao contrário, como uma série de rupturas bruscas que os estudantes vivem com certa dificuldade” (p.70). Conceitua a Universidade, esclarecendo que essa é distinta da escola de ensino médio “é uma experiência de estranhamento radical, o saber, a linguagem, os procedimentos se organizam de maneira diferente daquela do ensino médio” (p.70).

Esses dados nos fazem pensar sobre a identidade que se constitui entre aqueles que ocupam lugar central nesse trabalho: há fatores específicos, presentes nas trajetórias desses estudantes do CCET ou estes vivenciam a vida universitária em iguais condições aos estudantes de outras áreas do conhecimento? Delinear o perfil desses jovens a partir de suas singularidades e também dos traços que são comuns a outros grupos na Universidade

¹ Este trabalho apoiou-se em observações intensivas, conversas e trocas ocasionais, entrevistas clássicas, individuais e de grupo e diários escritos pelos próprios estudantes do primeiro ano na Universidade, na pretensão de que os percursos desses sujeitos pudessem ser vislumbrados.

constitui-se em uma ferramenta essencial para a continuidade de estudos posteriores acerca desta temática.

Metodologia

Esta pesquisa é predominantemente de natureza qualitativa, visto que o objeto central dessa análise necessita de um olhar mais atento aos valores, crenças, hábitos, atitudes, representações (MINAYO, 1994), opiniões dos estudantes, egressos do ensino médio público. Busca-se, assim, um maior aprofundamento dos fatos e processos que os constituem como estudantes universitários na Universidade Federal de Sergipe, tendo em vista que esta é a única instituição pública de ensino superior do Estado, o que provoca uma certa instabilidade entre a extensa demanda e os que se afiliam, pois há ainda uma grande desigualdade social que reflete incisivamente sobre a educação, neste caso a superior.

Para que os percursos desses jovens, que fazem parte, em sua maioria, do grupo de idade entre 15 e 24 anos (ABRAMO, 2005), fossem traçados de maneira que se desvendasse como se constitui o ser universitário bem como as estratégias integradoras ou não de sua formação como estudantes vinculados ao CCET, fizemos uso de uma revisão bibliográfica sobre a qual nos dedicamos em todo decorrer da pesquisa e nos apoiamos em entrevistas semiestruturadas que permitiram o estudo de diferentes aspectos das trajetórias desses sujeitos desde os percursos escolares e familiares aos de acesso e permanência no ensino superior público. Foram objetos de nossa pesquisa os estudantes vinculados aos cursos da UFS abaixo descritos:

PERFIL GERAL DOS ESTUDANTES ENTREVISTADOS DO CCET

IDENTIFICAÇÃO DO ESTUDANTE	CURSO/ PERÍODO	IDADE	REDE DE ENSINO ONDE ESTUDOU O ENSINO MÉDIO	QUANTIDADE DE VESTIBULARES PRESTADOS	SEXO
1	CIÊNCIAS DA COMPUTAÇÃO: 2º	21	PÚBLICA	DUAS VEZES	M
2	ENGENHARIA ELÉTRICA: 3º	19	PÚBLICA	DUAS VEZES	M
3	MATEMÁTICA LIC:	25	PÚBLICA	QUATRO	M

	4°			VEZES	
4	MATEMÁTICA LIC: 5°	20	PÚBLICA	UMA VEZ	F
5	MATEMÁTICA LIC: 5°	23	PÚBLICA	UMA VEZ	M
6	QUÍMICA LIC: 5°	20	PÚBLICA	DUAS VEZES	M

Nas entrevistas dos seis estudantes universitários, escolhidos para a análise, observamos que eles sempre estudaram em escola pública, têm entre 19 e 25 anos, dois possuem vínculo com um programa desenvolvido pela universidade: a monitoria, que consiste em um processo seletivo no qual estudantes graduandos selecionados dispõem-se a esclarecer dúvidas dos alunos do CCET, dando suporte àqueles que enfrentam o tempo do estranhamento, uma trabalha na escola pública em que estudou durante o ensino fundamental, desenvolvendo a função de Oficial Administrativo e os demais apenas estudam, destes dois são de cursos diurnos.

Um dos estudantes participou do curso preparatório para o vestibular ofertado pela SEED (Secretaria de Estado da Educação), conhecido como Pré-Seed, por sentir a necessidade de sistematizar melhor as informações e habilidades que lhe seriam necessárias para ingressar na universidade, três recorreram a cursinhos particulares e os outros dois dedicaram-se na preparação para o vestibular estudando em casa. As figuras do pai, da avó como é citado pelo estudante 6 e, principalmente, da mãe, são apontadas como peças centrais em seus percursos, sendo o sucesso escolar marca em suas vidas. Entretanto, esse sucesso não lhes foi suficiente para garantir o acesso ao ensino superior, sendo necessário que mobilizassem outros elementos que os auxiliassem no alcance do objetivo por eles delimitado: serem aprovados no vestibular. À conquista desse objetivo, contudo, segue-se outro desafio: aquele de tornar-se um estudante universitário.

A articulação entre o estudo sistemático do referencial teórico e a análise dos dados empíricos possibilitou superar intuições ou impressões precipitadas e desocultar significados invisíveis à primeira vista. Bardin (1995, apud SZYMANSKI, 2008, p.62) discorre sobre a análise de dados qualitativos, considerada como uma atividade de interpretação que consiste no desvelamento do oculto, do “não-aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem”. É neste sentido que o nosso trabalho foi constituindo-se.

Nadir Zago (2006), entre outros autores, observa em suas análises a condição de estudante, pensando-a a partir da natureza do curso. A área do conhecimento indica, entre

outros aspectos, o status social do público que a compõe. Para ela “os sentimentos de pertencimento/ não-pertencimento ao grupo dependem muito do curso, da configuração social dos estudantes de uma determinada turma” (p.235). Há cursos que possuem uma composição mais homogênea e outros mais elitizados, demonstrando aquilo que Charlot já havia apontado como correlação estatística entre a origem social e os resultados escolares alcançados por esses estudantes. Zago (2006) usa o termo de “democratização segregativa” para descrever esse acesso à universidade pública, no qual diferentes grupos ocupam também espaços distintos.

Para contrariar o processo da exclusão que marca a nossa sociedade, os jovens dos setores mais empobrecidos parecem desenvolver estratégias integradoras, conseqüente de suas motivações dentre outros elementos, para construir-se como universitários. Que motivações poderiam explicar o rompimento da tradição freqüente de sua origem? Como os estudantes oriundos do ensino médio público tem vivenciado o processo de ‘fabricar-se’ enquanto estudante universitário? Com o intuito de entendermos essas trajetórias, consideramos os relatos de estudantes vinculados à licenciatura e ao bacharelado do CCET.

Sou estudante do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia ou de um curso do CCET?

Ao final das entrevistas que realizamos com estudantes de alguns cursos do Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, conforme já mencionado anteriormente, procuramos analisar o sentido que estes atribuem ao “ser universitário” desta IFES, especificamente enquanto estudantes de cursos do CCET. Para isto, solicitamos que produzissem livremente uma escrita sobre o que significava para eles ser um estudante universitário do curso ao qual estavam vinculados, no Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal de Sergipe, reivindicamos ainda que, havendo possibilidades, colegas do curso respondessem também esta indagação. Dentre as produções, compartilhamos a seguir alguns dos registros elaborados pelos entrevistados e por alguns de seus colegas de curso que foram por eles questionados:

Solucionar problemas do dia a dia, onde haja um custo cada dia menor para os clientes. Usar os conhecimentos exatos para melhor bem estar e menor custo de vida. (Estudante de Engenharia Elétrica)

É algo frustrante: você entra, mas a única certeza que você tem é que, provavelmente, você não vai sair. (Amigo do entrevistado e estudante de Engenharia Elétrica)

Pra mim significa tudo, era tudo que eu queria, então eu cheguei onde queria e quando cheguei, vi que não é só isso, estar estudando o curso de computação é basicamente um marco, uma mudança de trajetória na minha vida, é relevante. Significa a liberdade de ensino, a magnitude do conhecimento. (Estudante de Ciências da Computação)

Ser um aluno um pouco mais responsável com os compromissos estudantis e mais atento que os alunos do ensino médio com relação à aprendizagem, dedicando-se mais a sua vida universitária, com o intuito de realmente compreender do que se trata o seu curso e podendo assim executá-lo de forma responsável e correta” (Estudante de Química)

Aprender como a Química pode ser útil na nossa vida, porque estamos intimamente interligados com a mesma e ter a visão crítica que a Química não traz somente prejuízos para a nossa vida. Uma realização pessoal pode ser outro significado. (Amigo do entrevistado e estudante de Química)

Significa muito está em uma área de exatas e principalmente da disciplina matemática, tão temida por muitos. Os desafios que esse curso proporciona fazem com que superemos nossos limites e observemos até onde podemos chegar. A satisfação de entender como a matemática surge, conhecer os principais matemáticos e imaginar que um dia você poderá está fazendo parte de um grupo de pensadores matemáticos que defendem e expõem lógicas e estratégias matemáticas, é imensa. Em suma, é importante ter admiração e gostar do curso que escolheu e esse sentimento de admiração e gostar do curso que escolheu, esse sentimento de admiração e prazer está comigo. (Estudante de Matemática)

Um grande passo na minha evolução intelectual, mais um degrau alcançado em minha vida, pois é algo que eu gosto de fazer e que a cada dia que passa se torna mais belo. (Amigo do entrevistado e estudante de Matemática)

Bom, ser estudante universitário já é uma grande conquista independentemente de ser exatas ou não, mas como estou incluída nesse ramo(Exatas), o que posso falar é que gosto muito da disciplina matemática e significa muito está fazendo tal curso. É muito prazeroso você conseguir passar para outras pessoas o conhecimento dos números e poder ajudá-las a compreender problemas do cotidiano por essa simples e complexa Ciência: matemática (Amiga da entrevistada e estudante de Matemática)

Percebemos que embora estivéssemos tratando de jovens universitários do mesmo Centro, estes apresentam diversos significados para o ser estudante universitário do CCET, conforme as entrevistas e os registros escritos de alguns estudantes dos cursos: Matemática, Química, Ciências da Computação e Engenharia Elétrica. O que estas expressões revelam? Dão-nos indicativos de que cada estudante, ao seu modo, produz sentidos para a vida universitária, o que provoca uma pluralidade de visões quanto ao “ser universitário”.

Neste sentido, Almeida (2007, p.187) infere que:

Essas diferenciações são produzidas mediante distintos modos de aproveitamento do curso, com o envolvimento em pesquisas, a apropriação de equipamentos materiais e culturais, a realização de atividades

extracurriculares, além de informações sobre programas de cunho formativo existentes no âmbito da Universidade.

Logo, depreende-se que não é o fato, necessariamente, de estar vinculado a um Centro que implicará na existência de um grupo puramente homogêneo, pois embora compartilhem certas condições socioeducacionais e institucionais, possuem suas peculiaridades, o que os torna sujeitos com experiências singulares, simultaneamente sociais e individuais. Pimenta (2004, p.57, apud ALMEIDA, 2007, p.192) cita no tocante a estas questões:

Isso significa que, mesmo que vivam sob as mesmas condições sociais e econômicas, em um mesmo contexto, os indivíduos que integram uma mesma rede de sociabilidades, podem ser muito diferentes entre si; podem manter laços fortes e compartilhar visões de mundo semelhantes, ou ao contrário, ter muito em comum e estabelecerem relações muito em comum e estabelecerem relações muito circunstanciais.

Compartilhamos a seguir algumas sugestões, dadas pelos entrevistados, tendo-se em vista os primeiros tempos na universidade que se apresentam como turbulentos para a maioria que nela ingressa:

Faria uma preparação nos calouros (Estudante de Ciências da Computação)

Pessoas que pudessem assim ajudar, guiar, dizer assim, que tivesse por exemplo cada didática tivesse um pessoal ensinando tudo, dizendo os locais que você deve, certo. Mais ou menos isso [...] Tem matérias que deveria no primeiro semestre, deveria diminuir um pouco mais, porque aí a partir do segundo já começa, pra o aluno já ir se identificando. (Estudante de Engenharia Elétrica)

Quer dizer, a gente poderia estar na prática também, na sala de aula. Por que a gente é obrigado a ficar aqui? (Estudante de Matemática)

Sim, eu acho que essa mudança seria de tal forma: assim, é, tipo os professores deveriam no primeiro dia de aula tentar nos, vamos dizer, situar os alunos na Universidade, no mundo Universidade, vamos dizer assim, falando mais como são as coisas aqui, falando mais é, quais são as datas para resolver algumas coisas, como por exemplo, para trancamentos, pra dispensa de matéria, pra essas outras coisas e nos explicar realmente do que se trata essas coisas, pra assim facilitar o entendimento de todos e pra os alunos novos não ficarem, meio que assim, perdidos na Universidade. (Estudante de Química)

Deveria ser assim: um local reservado pra perguntas assim, tipo um local como ia, perguntava como é que eu faço isso, aquilo, ter pessoas disponíveis apenas para perguntas, questionamentos da UFS, estava ingressando numa instituição que era nova[...] então, deveria ser este espaço, o espaço do calouro. Com certeza, boa ideia. Vamos levar adiante a ação. (Estudante de Matemática)

Alguns lugares são apontados pelos estudantes como sendo os que mais gostam de estar na Universidade. Guiando-nos por esta lógica, podemos afirmar que a ocupação destes espaços, com maior ou menor intensidade, contribui para a constituição desses jovens como estudantes universitários na UFS:

Meu lugar preferido é o Departamento, porque quer queira quer não é basicamente meu lar, eu saio dali, volto pra ali que nem percebo, mas acho que aqui poderia ser um espaço melhor aproveitado (Estudante de Ciências da Computação)

Eu acho que a biblioteca pode ser, porque eu gosto, porque ela é ampla, dá pra estudar tranquilo assim. (Estudante de Engenharia Elétrica)

É, entre as didáticas, aquele onde mais integra as pessoas [...] é o lugar de interação maior [...] é onde eu mais fico, eu saio pra outro ambiente. [...] O ambiente das árvores. (Estudante de Matemática)

A Didática V, eu gosto de ficar lá sentada, a pracinha, a Biblioteca: existe alguns lugares, mas não um lugar, são vários. (Estudante de Matemática)

Eu venho muito à biblioteca. É o lugar em que eu mais ando, eu gosto mais da biblioteca, eu venho aqui, jogo xadrez aqui... Tem as vitrines para você olhar que são as prateleiras com os livros, não dá para comprar, mas você passa o cartão e leva (risos). Tem o local de xadrez, tem o lugar de sentar, de conversar, falar mais alto, tem o local de estudo, tem a sala de informática, tem muita coisa... Numa didática só tem sala, nas pracinhas das didáticas não tem nada. (Estudante de Matemática)

Meu lugar preferido eu acho que é o lugar de festa que eu gosto muito de festa: é ali na Concha acústica. (Estudante de Química)

Conclusões

As reflexões aqui apresentadas compõem um balanço do que nos foi possível aprofundar, por envolver tanto um apanhado teórico quanto a pesquisa de campo. É certo que este trabalho traz outras inquietações, o que nos leva ao reconhecimento de que ainda temos muito a estudar e investigar. Acreditamos que os autores apontados contribuem, de forma expressiva, para uma maior discussão nesse campo de análise, o que para nós é animador.

Tal como Coulon (2008) – indagou sobre o futuro dos estudantes, procurando cooperar através de seus estudos para um melhor rendimento no sistema universitário francês ou ainda na diminuição dos fracassos ou abandonos no primeiro ciclo da Universidade Paris 8, é também nosso interesse refletir acerca das contingências político- sociais e econômicas da universidade contemporânea como ele mesmo aponta.

Diante das discussões teóricas e das entrevistas realizadas, pudemos perceber que estes jovens constituem-se como universitários a partir de um agregado de elementos, sejam

eles: a participação em Programas desenvolvidos pela Universidade com caráter de assistência estudantil: a monitoria; apoio familiar quer na figura paterna ou materna, da avó, dedicação diferencial nos estudos a fim de superar dificuldades materiais, uma possível identidade de extremo individualismo que há no Centro de Ciências Exatas e Tecnológicas, especificamente, no curso de Matemática, fato que se evidencia nas falas dos entrevistados; Como afirmou o Estudante 5 “*no curso de Matemática é um por um e todos por nenhum*”, ou mesmo o fortalecimento da coletividade quando estes são desafiados pelos impasses que a universidade apresenta-lhes, conforme relatou o Estudante 1 do curso Ciências da Computação: “*Isso até porque o pessoal se une pela dor, quando está todo mundo desesperado, então não importa se eu lhe conheço a um dia, se une e tem que estudar*”.

A procura pela UFS, para boa parte dos entrevistados, antes mesmo do fator prestígio social, deu-se por se tratar da única Universidade Pública do nosso Estado, portanto, gratuita, e os jovens egressos do ensino médio público terem nela suas possibilidades de prolongamento da escolaridade, visto que não dispunham de condições financeiras para manter-se em uma Instituição de ensino superior privado. Como Almeida (2007, p. 223) aponta-nos “a permanência no ensino superior deve ser entendida como uma interação entre condicionantes estruturais da sociedade e as ações conjunturais que estão ao alcance das universidades, marcadas por um olhar mais atento para com os segmentos mais desprovidos de recursos culturais e econômicos”.

Desta forma, compreende-se como objetivo primeiro da universidade o de favorecer a aprendizagem intelectual dos estudantes, ajudando-os a adentrar naquilo que o autor denomina de mundo das idéias onde há regras de acesso ao saber que precisam ser melhor assimiladas por eles para que sua constituição como estudantes universitários possa ser construída a partir de condições suficientemente adequadas a esse fim, o que significa certamente aprender a lidar, enfrentar e superar dificuldades das mais diversas ordens, sejam elas intelectuais, comportamentais ou relacionais.

Portanto, diante do que foi levantado, é indispensável reconhecer que saciar a indagação, norteadora desse trabalho, não é uma tarefa fácil, o que dá à pesquisa um caráter ainda mais significativo, pois representa o estudo de estruturas até então pouco exploradas em pesquisas educacionais.

Referências

ABRAMO, Helena Wendel. Condição Juvenil no Brasil contemporâneo, In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (Orgs.). *Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

AZEVEDO, Clayte de Paula. *Jovens, ensino superior e vestibular: egressos do curso técnico em Química do CEFETMT no curso de Química da UFMT*. 1v. 236p. Mestrado. Universidade Federal de Mato Grosso – Educação, 2007.

CHARLOT, Bernard. *Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. *Jovens de Sergipe: como são eles, como vivem, o que pensam*. Aracaju: Unesco, 2006.

_____. Valores e Normas da Juventude contemporânea. In: PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Orgs). *Sociologia da Educação: Pesquisa e realidade brasileira*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

COULON, Alain. A Condição de Estudante: a entrada na vida universitária. Trad. Georgina Gonçalves dos Santos, Sônia Maria Rocha Sampaio. Salvador: EDUFBA, 2008, 278p.

MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANDES, Suely Ferreira; NETO, Otávio Cruz; GOMES, Romeu. *Pesquisa Social: teorias, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

NEVES, Paulo S. C.; FERRERI, Marcelo. Políticas Públicas de Juventude: Nova Arquitetura para o Debate sobre Educação. In: *Pluralidade de saberes e territórios de pesquisa em educação sob múltiplos olhares dos sujeitos investigadores*. Organização/ Maria Helena Santana Cruz – São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

PAIXÃO, Lea Pinheiro; ZAGO, Nadir (Orgs). *Sociologia da Educação: Pesquisa e realidade brasileira*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

PEREIRA, Adriana da Silva Alves. *Sucesso Escolar nos Meios Populares: mobilização pessoal e estratégias familiares*. 1v. 219p. Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Educação, 2005.

RUEDAS, Silvia Maria Dias. *Cursinho popular de Jandira visando ao acesso à educação superior*. 2v. 513p. Mestrado. Universidade de São Paulo – Educação, 2005.

SAMPAIO, Helena; CARDOSO, Ruth C. L. *Estudantes Universitários e o Trabalho*. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 26, 2003.

SILVA, Veleida Anahí da (Org.). *Conexões de Saberes: um desafio, uma aventura, uma promessa*. São Cristóvão: Editora UFS, 2007. 198p.

SPÓSITO, Marília Pontes. Algumas Reflexões e Muitas Indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In: ABRAMO, Acleno Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni. *Retratos da Juventude Brasileira, Análises de uma pesquisa nacional*, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2005.

_____. Trajetórias na Constituição de Políticas Públicas de Juventude no Brasil, cap.3, p.57-75. In: FREITAS, Maria Virgínia de; PAPA, Feranda Carvalho (Orgs). *Políticas Públicas: Juventude em Pauta*. São Paulo: Cortez: Ação Educativa, 2003.

SZYMANSKI, Heloisa. *A entrevista na educação: a prática reflexiva*. Heloisa Szymanski (org.), Laurinda Ramalho de Almeida, Regina Célia Almeida Rego Prandini. 2. Ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

TEIXEIRA, Ana Maria Freitas; SILVA, Veleida Anahí da. Os Jovens Entre As Certezas e Incertezas: Dilemas Da Relação Educação e Trabalho na Sociedade Contemporânea. In: CRUZ, M.H.S. *Pluralidade de saberes e territórios de pesquisa em educação sob múltiplos olhares dos sujeitos investigadores/organização*, São Cristóvão: Editora UFS, 2008.

VARGAS, Michely de Lima Ferreira. *Ensino Superior, Assistência Estudantil e Mercado de Trabalho: um estudo com egressos da UFMG*. 1v. 203 p. Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais/ Faculdade de Educação – Educação, 2008.

ZAGO, Nadir. Processos de escolarização nos meios populares As contradições da obrigatoriedade escolar. In: NOGUEIRA, Maria Alice; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Orgs). *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. 3. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

_____. Do acesso à permanência no ensino superior: percursos de estudantes universitários de camadas populares. In: *Revista Brasileira de Educação*, v.11, nº. 32, 2006.

ⁱ Graduanda do curso Pedagogia da Universidade Federal de Sergipe e bolsista de iniciação científica pelo PIBIC/CNPq/UFS, sob orientação da Profª. Dra. Ana Maria Freitas Teixeira (Departamento de

Educação/NPGED/NPGECIMA). Participa de um grupo de pesquisa que estuda a seguinte temática: Como se fabrica um jovem estudante universitário? Em especial os egressos do ensino médio público e que estão vinculados a cursos do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia? É integrante também do DALEPe (Diretório Acadêmico Livre dos Estudantes de Pedagogia), espaço no qual representa, junto a outros acadêmicos, os estudantes do curso.

Contato: laissantana18@yahoo.com.br